



## A Experiência da Parentalidade Tardia: Percepções de Pais e Mães

*Late Parenting Experience: Fathers and Mothers' Perceptions*

Daiana Quadros Fidelis

Denise Falcke

Clarisse Pereira Mosmann

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

### Resumo

Objetivou-se compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva, com método de análise de dados qualitativo. Participaram cinco casais heterossexuais casados ou morando juntos há mais de dois anos em que a mulher teve filho acima dos 35 anos, ambos com atuação profissional, com filho primogênito de até um ano de idade. Um questionário de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada foram respondidos separadamente pelos participantes. Os resultados apontaram que os casais planejaram a gravidez, o que parece ter se refletido na capacidade de adaptabilidade de ambos na transição. Tanto a mãe quanto o pai percebem-se participativos na parentalidade e cada genitor vê o outro dedicado ao processo. Os resultados destacam a importância de pesquisas que acompanhem as transformações sociais que repercutem nas famílias e por isso necessitam de um olhar permanente dos investigadores da área.

Palavras-chave: **Parentalidade; Maternidade; Paternidade; Gestação tardia**

### Abstract

*The objective of this study was to understand the experience of late parenting in the perception of fathers and mothers through exploratory and descriptive research, using a qualitative data analysis method. Five heterosexual couples married or cohabiting for over two years, in which women got pregnant after aging 35 years old, both spouses displaying professional activities, and having a firstborn child aged up to one year old participated in the study. A sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview conducted with each participant separately was answered. Results demonstrated that all couples had planned pregnancies, which seemed to reflect on both spouses' adaptability on parenting transition. Both mother and father perceived themselves to be engaged in parenting, and each parent recognizes the other as collaborative in the process. Finally, the results highlight the importance of researches that follow up social transformations that have repercussions in families, therefore researchers in this field are required to permanently observe it.*

**Keywords: Parenting; Maternity; Paternity; Late gestation**

## Introdução

A literatura postula que as motivações para a parentalidade são muitas e referem-se a distintos domínios da vida. Em nível emocional/psicológico, estas motivações propagam o desejo de afirmação de uma relação com a criança que é única e especial (Guedes, Carvalho, Pires & Canavarro, 2011; Guedes, Pereira, Pires & Canavarro, 2013; Langdrige, Sheeran & Connolly, 2005), a qual normalmente traz alegria e felicidade (Cassidy & Sintrovani, 2008) e que possibilita cuidar, ensinar e educar (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013; Miller, 1995). Economicamente, devido às demandas geradas pela criança, há uma necessidade de maior organização, que será menos estressante se o casal já vivenciar uma situação financeira equilibrada (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013; Miller, 1995).

Por outro lado, há apreensões relativas ao contexto social, como a exposição da criança aos vários perigos do mundo, sejam eles sociais ou ambientais (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013; Biffi & Granato, 2017). Em relação aos aspectos emocionais/psicológicos, preocupações com estilo de vida, a carreira e a conjugalidade também são importantes (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013; Langdrige et al., 2005). Somam-se a perspectiva de desgaste emocional e cansaço físico, relacionados com a prestação de cuidados, responsabilidades e preocupações com o(s) filho(s) (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013; Langdrige et al., 2005; Miller, 1995). Além disso, há inquietações quanto à imaturidade pessoal ou falta de qualidades próprias às funções e papéis essenciais à parentalidade (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013).

Nesse contexto complexo, com a opção pela parentalidade, o nascimento do primeiro filho marca um novo ciclo na vida do casal, pois este novo membro necessita de cuidados e os pais devem saber distinguir suas funções e haver apoio entre os mesmos (Minuchin, 1990). De acordo com a teoria sistêmica, ajustes são necessários para a criação de um espaço para a entrada desse novo membro no sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995). Esse lugar é derivado, entre outros, pelos motivos que sustentam a escolha em ter filhos. Esses podem ser muitos, mas as demandas biológicas

e subjetivas estão presentes, agregadas à continuidade da família, à procura de um significado para a vida, à concretização de um desejo, assim como ser reconhecido socialmente (Scavone, 2001).

A partir da década de 1980, tanto a mulher quanto o homem começaram a adiar a maternidade/paternidade focando primeiro em se consolidar profissionalmente (Bernardi, Féres-Carneiro & Magalhães, 2018; Bradt, 1995; Carvalho & Caetano, 2011; Matias, Silva & Fontaine, 2011; Nascimento & Térzis, 2010). Jack Bradt (1995) relaciona esse fenômeno ao fato de que, além de ter que criar um espaço para a chegada de filhos, ambos os cônjuges passaram a ocupar lugares no mercado de trabalho, havendo também uma desvalorização da tarefa de criar os filhos. Com as múltiplas demandas, que muitas vezes são conflitantes, os jovens são impelidos a adiar viver este momento (Goulart Júnior, Feijó, Cunha, Corrêa & Gouveia, 2013; Monteiro & Medeiros, 2015; Severiano, 2013), resultando, então, na maternidade e paternidade tardia. Esta é definida na literatura por ocorrer após os 35 anos da mulher (Schupp, 2006).

Pesquisadores iniciaram estudos para analisar o fenômeno da parentalidade tardia. No Brasil, Derivania Castelo Branco, Andreia Moreira, Daniele Siqueira, Claudenia Vasconcelos e Maria Fernanda Fontanele (2016), investigaram a percepção de mães primíparas, ou seja, que tiveram ou irão ter o primeiro parto e sobre a maternidade tardia. Elas relataram a maternidade como algo divino e a experiência mais importante em suas vidas. Por outro lado, assim como mulheres mais jovens, as mães reportaram dificuldades no cuidado do filho recém-nascido por despreparo, medo, falta de conhecimento e experiência.

Em relação à paternidade, destaca-se a pesquisa brasileira com método qualitativo que teve por objetivo compreender os processos desenvolvimentais de homens que se tornaram pais pela primeira vez após os 40 anos. Participaram quatro pais, com idades entre 44 e 58 anos, por meio de entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram que há aspectos positivos e negativos. Como desafio, destaca-se a idade avançada, pois envolve limitações físicas, mas os participantes disseram não ser um empecilho para uma boa experiência da paternidade. Por outro lado, salientaram a importância dos cônjuges concili-

arem e apoiarem-se nas funções parentais (Colleti & Scorsolini-Comin, 2015).

Nesse sentido, os estudos indicam que, antes da gestação tardia, a dificuldade dos casais parece ser com inaugurar-se nessa função. A pesquisa qualitativa feita por Flávia Simas, Laura Souza e Fábio Scorsolini-Comin (2013) no contexto nacional, objetivou compreender os sentidos sobre maternidade e as vivências da gravidez em gestantes primíparas e múltiparas. Identificou-se, nas primíparas, que a inexperiência trouxe incertezas, já as mulheres, múltiparas, apresentaram ambivalência pelo fato de a gravidez não ter sido planejada. Em relação ao apoio, em ambas situações, destacou-se a participação ativa do companheiro, apontando a sua importância para o bem-estar psicológico da mulher.

O estudo de Asa Premberg, Anna Lenna Hellstrom e Marie Berg (2008) feito na Suécia utilizou uma abordagem fenomenológica para investigar 10 pais primíparos que tinham filhos de um ano de idade. Os resultados revelaram que quando o bebê foi para casa, nos primeiros dias os pais sentiram-se totalmente tomados pelas mudanças na sua vida. Com o decorrer do tempo, esses pais foram adquirindo experiência e satisfação. Quanto maior o tempo e o engajamento dos pais no contato com seus bebês, maior satisfação com a parentalidade, diminuindo assim as dificuldades neste processo (Premberg et al., 2008).

Nesse sentido, o relacionamento diário com seus filhos, contemplando a companhia destes, torna-os figuras centrais em suas vidas (Cia & Barham, 2009). Mesmo em muitas famílias, com as mães ainda sendo as principais responsáveis pela maior parte dos cuidados dos filhos, os pais estão participando mais assiduamente, o que se reflete na qualidade da paternidade (Genesoni & Tallandini, 2009). No que tange à visão da mulher sobre o pai na parentalidade o estudo de Maria Auxiliadora Dessen e Maria Oliveira (2013) realizado no Brasil, objetivou compreender a percepção de 45 mulheres grávidas e 42 mães com bebês até seis meses sobre o envolvimento paterno na gestação e após o nascimento do filho. Os achados indicaram que apesar de elas avaliarem o pai como pouco participativo, ainda assim se encontravam satisfeitas com seu envolvimento.

A participação mais equitativa de homens e mulheres no exercício da parentalidade, suscita o questionamento se esse equilíbrio se relaciona à decisão pela parentalidade. O estudo internacional feito por Roos Hutteman, Wiebe Bleidorn, Lars Penke e Jaap Denissen (2013), pesquisou a intenção de ter filhos através dos dados do estudo longitudinal alemão *Panel Analysis of Intimate Relationships and Family Dynamics* (PAIRFAM). Participaram casais sem nenhum impedimento biológico em ter filhos e a pesquisa foi feita em dois tempos, com um intervalo de um ano. Os resultados apontaram que a intenção do casal mostra-se acentuada, no que se refere ao planejamento do primeiro filho, enquanto, a partir do segundo filho, as intenções da mulher concretizam-se como fator determinante.

Ainda no contexto alemão, Martin Pinquart, Carolin Stotzka e Rainer Silbereisen (2010) pesquisaram a ambivalência de jovens adultos entre 25 a 30 anos, no conflito entre ter ou não ter filhos, usando um questionário fechado. Os dados mostraram que uma pequena parte da população pesquisada pareceu se mostrar ambivalente em relação a ter ou não filhos, porém, as mulheres tendem a ser mais ambivalentes do que os homens e estes pretendem ter mais filhos do que as mulheres. Outro resultado interessante é que ainda há conflito entre a parentalidade e outros objetivos de vida a serem atingidos, aliados ao grande custo financeiro que envolve ter um filho e quando há indecisão de um dos parceiros.

Corroboram os autores acima o estudo internacional feito na Itália por Maria Rita Testa, Laura Cavalli e Alessandro Rosina (2014). Os pesquisadores basearam-se nos dados do estudo demográfico *Household Survey on Family and Social Subjects*, desenvolvido pelo Instituto Nacional Italiano de Estatística entre 2003 e 2007, para investigar a concordância do casal, no que se refere à tomada de decisões acerca de ter filhos ou não além dos efeitos da divergência de opiniões. Os achados indicaram que não parece existir uma igualdade de poder na tomada de decisão, isso porque o parceiro que pretende ter filhos parece exercer maior influência sobre o outro. Além disso, não se confirmou a hipótese de que as mulheres atuem predominantemente sobre ter filhos ou não, uma vez que a parentalidade

tem implicações para ambos, o que torna necessário o acordo entre os cônjuges.

Ao contrário, no estudo alemão de Gerrit Bauer e Thorsten Kneip (2012), a tomada de decisão por filhos tardiamente entre casais esteve agregada à harmonia de desejos dos dois parceiros sobre a finalidade e o comportamento de fecundidade, lembrando que nem as mulheres nem os homens possuem as decisões definitivas nesse campo. O mais relevante é que um parceiro somente irá se opor se a vontade de não ter filhos for ostensiva. Quando os parceiros tiverem desejos adversos, a capacidade de decisão virá a partir das vantagens e condições que a sociedade irá impor, assim desempenhando papel fundamental para o parceiro estabelecer sua vontade sobre o outro. Outro estudo realizado na Alemanha indicou que casais não negociam somente sobre o consumo do dia-a-dia, mas também sobre as decisões em relação a ter ou não filhos (Hener, 2010).

Destaca-se então que a decisão pela parentalidade vem ocorrendo por parte dos casais cada vez mais tardiamente e associada a inúmeros motivos emocionais, financeiros e sociais. Por se tratar de um fenômeno novo, ainda há escassez de estudos que possam elucidar as idiossincrasias dos casais que vivenciam essas experiências. Os dados disponíveis mostram um panorama em transformação e, devido às repercussões para a saúde mental dos cônjuges e seus filhos, sustenta-se a importância da realização de novos estudos no Brasil para compreender esses processos familiares. Além disso, apesar de já se conhecer as grandes repercussões que a transição para a parentalidade acarreta para os casais, torna-se necessário investigar empiricamente esse período do ciclo familiar, em conjunto com a decisão tardia que é ainda um tema pouco pesquisado no contexto brasileiro. Assim, este estudo teve por objetivo compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães.

## **Método**

### **Delineamento**

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória. Ressalta-se que toda a pesquisa qualitativa é interpretativa por analisar múltiplos sentidos que determinam as relações

humanas, sendo a relação pesquisador-participante componente fundamental da pesquisa (Stake, 2011).

### **Participantes**

Participaram deste estudo cinco casais heterossexuais com filho primogênito, concebidos por mulheres com mais de 35 anos, ambos com atuação profissional e residentes na região metropolitana de Porto Alegre, RS. Foram critérios de inclusão: cônjuges que estivessem casados ou morando juntos há, pelo menos, dois anos; tivessem apenas um filho de até um ano de idade; exercessem dupla carreira. Como critérios de exclusão, os participantes não poderiam ter passado por nenhum tipo de tratamento de fertilização, já que se buscava investigar casais que optaram pela gestação após os 35 anos, não sendo decorrência de nenhum impedimento biológico.

Como identifica-se na Tabela 1, os participantes apresentaram idades entre 33 a 56 anos, com carga horária de trabalho a partir de 35 horas semanais. Com relação a escolaridade dos participantes, dois concluíram o ensino médio, quatro possuem ensino técnico e quatro, graduação. Em relação ao estado civil, apenas um casal não está em união estável ou casado, apenas morando junto. Dos cinco casais participantes, em três deles, as mães encontravam-se em licença maternidade e, consequentemente, as crianças estavam sob seus cuidados. Dos outros dois casais, as crianças já frequentavam a escola de educação infantil.

### **Procedimentos éticos e coleta de dados**

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Após a aprovação sob parecer número 15/231 se deu início a coleta de dados. O processo de seleção dos participantes foi feito por conveniência, por meio da indicação de pessoas que conheciam casais em que a mulher teve filho após os 35 anos. Os participantes foram contatados por telefone, momento em que foram convidados a participar da pesquisa, em local e hora mais conveniente. Concordando em participar, o casal assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O presente estudo atendeu às exigências éticas contempladas na resolução para pesquisas

	Casal 1	Casal 2	Casal 3	Casal 4	Casal 5					
	Paula*	César	Maria	Júlio	Leticia	Marcos	Célia	Renato	Júlia	Renato
Idade	39	38	35	33	36	35	38	49	46	56
Escolaridade	Superior	Técnico	Superior	Superior	Técnico	Técnico	Técnico	Ensino médio	Superior	Ensino médio
Profissão	Professora	Técnico em enfermagem	Psicóloga	Bancário	Analista de RH	Eleto-técnico	Técnica em enfermagem	Fiscal Operacional Segurança	Funcionária pública	Comerciante
Estado civil**	UE	C	UE	C	MJ					
Tempo de casamento	8 anos	13 anos	9 anos	8 anos	10 anos					
Número de filho(s)	1	1	1	1	1					
Idade do(s) filho(s)***	4 m	3 m	7 m	1 a	1 a					
Ingresso na escola	-	-	-	Sim	Sim					
Quanto tempo	-	-	-	15 dias	3 meses					
Turno	-	-	-	Tarde	Manhã/ Tarde					

\* Nomes fictícios

\*\* UE=União estável; C=Casados; MJ=Morando junto

\*\*\* m=meses; a=anos.

Tabela 1: Caracterização Familiar

com seres humanos (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2012). Os participantes responderam individualmente as entrevistas sobre Experiência da Maternidade e a Experiência da Paternidade do grupo (NUDIF, 1999a; 1999b).

### Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos: desenvolvido pela autora da pesquisa, buscou a obtenção de informações sobre a família, como nível de escolaridade, tempo de relacionamento, informações profissionais.

Entrevista sobre a Experiência da Maternidade: esta entrevista investigou a experiência da maternidade, sendo composta por blocos de questões que focalizam a visão da mãe sobre o desenvolvimento do bebê, suas percepções e sentimentos quanto à maternidade, as mudanças percebidas, a visão do cônjuge como pai, a rotina após o nascimento do bebê,

o apoio recebido. O questionário foi desenvolvido pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF, 1999a) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. A entrevista foi adaptada para o presente estudo.

Entrevista sobre a Experiência da Paternidade: a partir do mesmo modelo utilizado na entrevista com a mãe sobre a experiência da maternidade, este instrumento investigou a experiência da paternidade, também desenvolvido pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF, 1999b) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. A entrevista foi adaptada para o presente estudo.

### Análise dos dados

Utilizou-se a análise de conteúdo, que segundo Maria Cecília Minayo (1994), é um procedimento de análise de dados que visa examinar a comunicação com o intuito de obter in-

dicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens. As entrevistas gravadas e transcritas pela pesquisadora foram submetidas à análise de conteúdo, e as categorias definidas de forma mista, *a priori* e *a posteriori* (Franco, 2005). As categorias *a priori* foram baseadas nas entrevistas sobre a Experiência da Maternidade e a Experiência da Paternidade e as *a posteriori* emergiram das entrevistas.

## Resultados e Discussão

A estrutura das categorias e subcategorias utilizadas estão apresentadas na Tabela 2. As falas dos participantes foram transcritas na íntegra e discutidas à luz do referencial teórico proposto na introdução.

Categorias	Subcategorias
Decisão pela gestação	
Experiência da Parentalidade	Paternidade Maternidade
Percepção de si no processo	Visão do pai Visão da mãe Dificuldades
Percepção do cônjuge no processo	Visão da mãe Visão do Pai

Tabela 2: Estrutura das Categorias e Subcategorias

### Decisão pela Gestação

Esta categoria abrange a decisão pela gestação, como os casais vivenciaram esse processo.

Tanto para Paula e César como para Célia e Renato, a decisão foi planejada pois os dois casais achavam que faltava algo entre eles. Entretanto, evidencia-se que foram as mulheres quem comunicaram a decisão e seus parceiros concordaram.

Estava faltando alguma coisa no nosso relacionamento [...], não que a gente não se desse bem, mas estava faltando alguma coisa para se preocupar e para unir mais a gente. (Paula, Casal 1, entrevista pessoal, março de 2016)

A Paula disse que queria ter um filho e eu disse que aceitava, nós conversamos, já estávamos na

nossa casa, com tudo encaminhado. (César, casal 1, entrevista pessoal, março de 2016)

A gente já estava um tempo casado e a gente sente assim que falta alguma coisa, porque daí era sempre eu e ele, daí eu disse pra ele que eu iria parar de tomar pílula. (Célia, casal 4, entrevista pessoal, março 2016)

Para Maria e Júlio, a decisão também foi planejada. Já estabilizados financeiramente, os dois concordaram em ter um filho, mas esta decisão foi tardia por Maria querer primeiro finalizar seus estudos, sendo o desejo maior do parceiro, como pode ser observado na fala a seguir:

Então, a gente já pensava em ter filhos [...] mas assim te digo eu prorroguei mais do que ele, eu empurrei mais em funções das coisas que eu queria fazer, que era faculdade, era pós, sabe? (Maria, casal 2, entrevista pessoal, março)

Marcos e Leticia decidiram em conjunto ter o filho depois que os dois terminassem a pós-graduação e o curso que estavam fazendo. O emprego também já estava estruturado e a idade também foi um dos fatores que contribuiu, como notamos nas falas a seguir:

Eu queria ter, daí eu esperei terminar a pós, aí eu tava terminando a pós aí eu disse acho que é a hora, e eu tenho 35 anos, não dá mais pra esperar. (Leticia, casal 3, entrevista pessoal, março de 2016)

Bom a gravidez, a gente esperou um tempo porque financeiramente não estava na hora ainda e a Leticia estava terminando a faculdade dela e eu estava terminando outro curso que eu estava fazendo, e na hora que terminamos tudo em questões de estudo e o emprego estava mais estável, bom agora é hora, e também por causa da idade né, nós não temos mais vinte anos. (Marcos, casal 3, entrevista pessoal, março 2016)

Esses resultados refletem que os casais cada vez mais estão se consolidando no mercado de trabalho, para depois pensar em ter filhos, assim adiando a maternidade/paternidade (Bernardi, Féres-Carneiro & Magalhães, 2018; Bradt, 1995; Carvalho & Caetano, 2011; Matias et al., 2011; Nascimento & Térzis, 2010). Com as múltiplas demandas, que muitas vezes são conflitantes, os jovens decidem postergar viver este momento (Goulart Júnior et al., 2013; Monteiro & Medeiros, 2015; Severiano, 2013). As falas anteriores vão ao encontro da pesquisa feita por Pinguart et al. (2010), em que os resultados mostraram que antes de ser pai/mãe os casais estabelecem outros objetivos de vida a serem atingidos.

Para Roberto e Júlia a decisão pela gestação também foi planejada, os dois contam que conversaram muito sobre o assunto, como notamos nas falas a seguir:

A decisão foi assim, antes eu tomava anticoncepcional, e aí a gente falava sobre isso eventualmente até que um dia decidimos ter um bebê. (Julia, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Conversamos, conversamos, ela queria, daí depois eu disse: 'tá vamos ter, vamos ter então, vamos tentar'. Não era fácil né, porque já tava aí os 40 anos e eu também já com 50 anos, mas aconteceu, porque tinha que ser né. (Roberto, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Estas falas vão ao encontro dos autores Bauer e Kneip (2012), que dizem que a tomada de decisão em ter filhos está associada a harmonia e o desejo do casal. Uma pesquisa feita por Timo Hener (2010) indicou que os casais decidem sobre suas rotinas, planos e também acerca da parentalidade.

Entretanto, dentro da decisão pela gestação, os motivos são diversos e identifica-se uma heterogeneidade quanto à equidade de participação no processo. Para alguns casais desse estudo, ambos desejavam e decidiram no mesmo momento, para outros, um dos genitores apresentava maior desejo em determinado momento e o outro assentiu. Esses resultados corroboram parcialmente o estudo feito na Itália por Testa et al. (2014) em que os resultados apontaram que não há uma igualdade na decisão de ter ou não filhos, mas o parceiro que decide em ter, acaba exercendo maior influência sobre o outro.

De qualquer forma, chama atenção a unanimidade dos casais referindo o adiamento da gestação para dar conta especialmente que qualificação profissional e estabilidade financeira. Parece em uma expectativa de que essas condições auxiliariam na transição para a parentalidade, e também em uma visão de que não poderiam realizar mais nenhum projeto após tornarem-se pais, o que não corresponde à realidade de muitas pessoas. Questiona-se o quão ideal não tem se tornado também esse projeto.

### Experiência da Parentalidade

Esta categoria tem por finalidade apresentar as percepções dos genitores sobre como está sendo a experiência de ser pai e mãe pela primeira vez.

### Paternidade

Os seguintes relatos mostram, de uma maneira geral, concordância entre os pais, afirmando que está sendo uma experiência muito gratificante.

Tá sendo maravilhosa, bah muito boa mesmo, tô curtindo muito. (César, casal 1, entrevista pessoal, março de 2016)

Está sendo maravilhosa nunca imaginei que seria tão bom assim. (Júlio, casal 2, entrevista pessoal, março 2016)

Ah muito boa porque já tá sendo pela primeira vez, assim, renova o casamento, o astral, é tudo[...] é só a pessoa vivendo né esse momento. (Renato, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Marcos afirma que também está sendo uma experiência boa, mas relata que tem que se adaptar pois agora tem uma criança que depende dele:

Bom, tá sendo uma experiência diferente, que muitas coisas nós temos que amadurecer, não era como antes, que antes era somente eu e a Letícia, agora temos uma bebê que depende de nós, está sendo uma experiência muito boa. (Marcos, casal 3, entrevista pessoal, março de 2016)

Nesse sentido, Roberto afirma que além de estar sendo uma experiência boa, às vezes é complicado devido à idade como podemos notar nas falas a seguir:

Tá sendo boa, tá ótimo assim. Tá é complicado né tu sabe, porque mais velho assim é, cansaço não é muito barbada não. (Roberto, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Podemos perceber que para um dos participantes esta fase está sendo boa, mas ele relata que esta experiência está um pouco complicada pois avalia que sua idade está interferindo. Esse resultado vai ao encontro da pesquisa feita por Mayara Colleti e Fábio Scorsolini-Comin (2015), que indicou um dos desafios na experiência da parentalidade tardia associado a idade avançada envolvendo limitações físicas. Ainda assim, para os pais deste estudo a experiência está sendo gratificante, eles estão se sentindo felizes neste novo ciclo, realidade postulada pelos autores Maryse Guedes et al. (Guedes, Carvalho et al., 2011; Guedes, Pereira et al., 2013) e Darren Langdrige et al. (2005), que afirmam que esta fase é marcada pela grande intensidade emocional/psicológica e que a vinda de um filho traz alegria e felicidade gerada pela tarefa de ensinar e educar seus filhos (Cassidy; Sintrovani, 2008; Guedes, Carvalho et al.,

2011; Guedes, Pereira et al., 2013; Miller, 1995).

### *Maternidade*

Esta subcategoria abrange falas de como está sendo a experiência da maternidade na visão das mães. Para Júlia e Paula a experiência da maternidade, além de estar sendo boa, é marcada também pelo cansaço como podemos notar a seguir:

Ah é fascinante, é cansativo, mas é fascinante não tem explicação, a tua vida muda, muda para melhor eu acho que tu amadurece mais e tu tem uma responsabilidade a mais e uma baita de uma preocupação a mais. (Paula, casal 1, entrevista pessoal, março de 2016)

Maravilhosa, cansativa, tem dias que ah, cansaço assim né. (Júlia, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

As falas anteriores corroboram os autores Sônia Bârcia e Manuela Veríssimo (2010), que caracterizam esta fase como sendo intensa de sentimentos, pois há aspectos tanto positivos como negativos. De um lado, a alegria de ser mãe/pai, mas em associação há o cansaço, a responsabilidade e as preocupações em relação ao seu desempenho como mãe (Hudson, Elek & Fleck, 2003; Pancer, Pratt, Hunsberger & Gallant, 2000; Waldron-Hennessey & Sabatelli; 1997). Em um estudo qualitativo feito por Andrea Ferrari, Cesár Augusto Piccinini e Rita Lopes (2007), os resultados indicaram que as mulheres tinham muitas expectativas, medos e fantasias em relação ao seu próprio desempenho como mãe.

Nesse sentido, para Leticia e Maria a maternidade trouxe medo e insegurança, mas a cada dia é uma descoberta e estão conseguindo lidar com esta experiência como mostram as falas a seguir:

É diferente, é uma coisa nova que dá medo, as vezes tu acha que é a melhor mãe do mundo, as vezes tu acha que é a pior... tem dias que a gente se sente muito bem e tem dias que a gente acha que é incapaz que não vai conseguir (...) é uma coisa que muda minha vida totalmente, não consigo pensar, planejar nada sem pensar nela. (Leticia, casal 3, entrevista pessoal, março de 2016)

É tudo muita descoberta sabe, aquela coisa assim de tu, as pessoas te falam uma coisa, aí tu vai ver muitas delas são totalmente diferente contigo, assim da tua experiência, sabe? (...) Uma expectativa monstruosa e aí quando vê eu consigo tirar de letra sabe, não de letra de letra, mas enfim, consigo lidar razoavelmente com a situação. (Maria, casal 2, entrevista pessoal, março de 2016)

Corroborando, alguns estudos que investigam a transição para a paternidade têm averiguado que os pais e mães sentem-se bastante ansiosos e preocupados durante a gravidez, sendo que este período tem sido marcado por sentimentos ambivalentes de alegria, ansiedade e conflitos (Parke, 1996; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004). A pesquisa feita por Flávia Simas et al. (2013), identificou nas primíparas, que a inexperiência trouxe incertezas. No estudo de Asa Premberg et al. (2008), nas primeiras semanas, os pais também estavam inseguros, mas conforme o tempo foi passando foram adquirindo experiência e satisfação (Premberg et al., 2008)

Podemos observar que a mães desse estudo, todas primíparas, se sentem mais ambivalentes e inseguras, e se cobram mais, se estão sendo boas mães ao contrário dos pais que relatam apenas satisfação e cansaço. A mulher, talvez, por ainda ser mais cobrada socialmente, acerca do que se espera do papel de mãe, também se sinta mais autorizada que o homem a expressar seus sentimentos, devido a maior carga que recebe. Em relação aos homens, a baixa expectativa em relação ao seu desempenho como pai, provavelmente gere menos auto cobrança se refletindo em maior satisfação. Além disso, devido a menor expectativa sobre os pais, eles terminam sendo muito valorizados ao realizar tarefas da parentalidade que são esperadas como mínimas para as mulheres.

### **Percepção de Si no Processo**

Esta categoria apresenta e discute como cada genitor se vê no processo de Maternidade/Paternidade.

#### *Visão da mãe*

Houve concordância entre as mães, pois todas se veem implicadas no processo, se descrevem como dedicadas, responsáveis, como notamos nas falas abaixo:

Vou te dizer assim ó... bem responsável, tranquila. (Paula, casal 1)

Então uma pessoa bem preocupada com o bem-estar dela. (Maria, casal 2, entrevista pessoal, março de 2016)

Eu tento fazer o melhor que eu posso pra ela, tudo pensando no bem-estar dela. (Leticia, casal 3, entrevista pessoal, abril de 2016)

Eu me acho bem dedicada, muito preocupada, eu não me sinto possessiva, até achei que ia ficar



muito, sou muito amorosa, se eu não sinto cheiro dela no dia, chega a me dar uma dor no peito. (Célia, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Júlia relata que sempre que vê algo na rua pensa em sua filha, vive para ela, como notamos no trecho abaixo:

Ah eu vivo em função dela né, como é que eu vou dizer, eu to sempre, eu to na rua eu to vendo um troço, eu to pensando, eu vejo um jornal ah tem tal peça, sempre com ela na cabeça assim sabe. (Júlia, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Todas mães se sentem implicadas no processo da maternidade, podemos notar que as participantes relatam fazer seu melhor pois a maternidade foi algo planejado. Esses conteúdos corroboram o postulado pelos autores Deidre Johnston e Debra Swanson (2006), Juliane Callegaro Borsa & Maria Lúcia Nunes (2017), e Rosa Monteiro (2005) que o significado de boa mãe é aquela que ama, cuida, e que estão sempre vigilantes, atentas às necessidades dos filhos. Cabe ressaltar que essas ideias reforçam as expectativas sociais referentes à maternidade, sendo a mãe exemplar e perfeita. Essas concepções parecem permanecer vivas na contemporaneidade o que repercute nas exigências que as mulheres se impõe de atender a essas expectativas.

### Visão do pai

Esta subcategoria tem por objetivo contemplar como o pai está se vendo no processo de paternidade pela primeira vez. Os pais se descreveram como bons pais, presentes na vida de seus filhos, como podemos notar nas falas abaixo:

Um paizão, super protetor, não deixo uma mosca encostar nele, sem noção. (César, casal 1, entrevista pessoal, março de 2016)

Um pai participativo e orgulhoso. (Júlio, casal 2, entrevista pessoal, março de 2016)

Brincalhão, sou muito brincalhão. (Marcos, casal 3, entrevista pessoal, abril de 2016)

Ah eu procuro, eu sou muito coruja, eu me preocupo muito. (Renato, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Eu acho que sou um bom pai, eu acho que sou presente. (Roberto, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Essas falas vão ao encontro do que os autores Lucia Genesoni e Maria Ana Tallandini (2009) referem que apesar da ideia no imaginário popular de que a mãe é a principal responsável pelos cuidados do lar e dos filhos, os pais

vêm participando cada vez mais assiduamente nos cuidados com a prole, refletindo em uma paternidade de qualidade. Esses resultados são importantes pois reforçam a mudança no envolvimento dos pais. De acordo com a literatura, é esperado que a paternidade signifique um momento especial na vida dos homens, pois envolve mudanças e readaptações no sistema familiar (Minuchin, 1990). A efetiva participação dos homens no cuidado com os filhos auxilia no processo de transição para a parentalidade, já que com o surgimento do subsistema parental, o casal precisa se adaptar a vida com filhos e, quanto mais apoiarem-se nesse processo, maior satisfação vivenciarão.

### Dificuldades

Esta categoria abrange as dificuldades que os casais estão sentindo frente a parentalidade.

Paula relata que a maior dificuldade que está sentindo é em relação ao choro do seu filho, que às vezes não sabe o que é, já seu marido diz não sentir dificuldade, como mostram as falas a seguir:

Ai, quando ele chora muito, eu não sei o que fazer, essa é a maior dificuldade que eu tenho, dele não poder me dizer onde está doendo, daí a angústia que ele tem passa pra gente assim, daí acho que a angústia que a gente tem também passa pra ele, as emoções se cruzam aí. (Paula, casal 1, entrevista pessoal, abril de 2016)

Olha até agora não, nenhuma dificuldade. (César, casal 1, entrevista pessoal, abril de 2016)

Ao contrário, Maria está com dificuldades em relação a ida da sua filha para escola, como nota-se a seguir:

Então assim, eu tô naquela fase, de ansiedade pré-escolinha, então eu tô pensando, porque eu tenho que retornar pra enfermagem, daí aquela coisa quando eu estava grávida sempre pensava vai pra escolinha, vai conviver com outras pessoas, vai aprender a dividir, mas daí é diferente quando ela tá aqui do lado de fora, será que vão cuidar bem, como será que é a rotina deles? (Maria, casal 2, entrevista pessoal, abril de 2016)

Já seu marido ainda não identificou nenhuma dificuldade, mas ressalta a adaptação da rotina da família, como notamos na fala abaixo:

Nada de muito importante, basicamente é me acostumar com a rotina da família. (Júlio, casal 2, entrevista pessoal, abril de 2016)

Leticia está sentindo dificuldades em relação à rotina, de não poder arrumar a casa, pois ela conta com ajuda de uma secretária do lar,

e também em relação a saídas. Ela relata que com bebê fica mais difícil ir a algum lugar:

Eu acho que mais em termos de, que gostava de cuidar da minha casa de fazer as minhas coisas, hoje eu peço pra uma pessoa que vem aqui em casa e faz e às vezes não fica do jeito que tu quer. Às vezes de noite tu quer sair pra comer alguma coisa a gente já não pode por causa dela, sabe essas pequenas coisinhas que a gente fazia quando era só os dois que agora pega, né? (Letícia, casal 3, entrevista pessoal, abril de 2016)

Já seu marido, como os anteriores, não está vendo dificuldades neste processo, como notamos a seguir:

Assim que perceba aparentemente não, posso até ter, mas por enquanto não apareceu ainda. (Marcos, casal 3, entrevista pessoal, abril de 2016)

Ao contrário dos casais anteriores, Célia e Júlia relatam que a sua maior dificuldade é a cansaço físico, já seus maridos, como os outros, não veem dificuldades. Como podemos perceber a seguir:

Ahh... cansaço físico. (Célia, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Dificuldades é tudo em relação a cansaço e tempo [...] Então eu to sempre pra começar uma coisa e paro, aí meu Deus, e daí ela fica doentinha, aí não dorme direito uma noite. (Júlia, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Não, dificuldade nenhuma. (Renato, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Não, por enquanto. (Roberto, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Identifica-se nesta categoria que os pais não relatam estar sentindo dificuldades no processo de transição para a parentalidade. Podemos considerar que isso pode estar associado ainda ao maior envolvimento da mãe no processo de cuidados do filho. Apesar do pai estar mais presente, a mãe ainda é a principal cuidadora (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Fagan, 1997; Monteiro, Verissimo & Vaughn, 2008; Nunes & Vieira, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Stephani, 2007) e encarregada das tarefas domésticas (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Staudt & Wagner, 2008). Além disso, duas mães ainda estavam em licença-maternidade, tendo maior disponibilidade para os cuidados com a prole, algo já designado legalmente, considerando o tempo de licença-maternidade oferecido às mulheres em comparação ao disponível para os homens.

Nesse contexto, os resultados apontaram que apesar de sentirem a maternidade como algo especial, as mães tiveram dificuldades em

cuidar do filho recém-nascido por despreparo, medo, falta de conhecimento e experiência. Ainda, no estudo de Mariana Cecílio e Fábio Scorsolini-Comin (2016), os resultados evidenciaram que os casais apresentaram maior dificuldade durante a gestação, experimentando sentimentos ambivalentes, ao contrário neste estudo estão mais evidentes as dificuldades das mães após o nascimento do(a) filho(a).

### Percepção do Cônjuge no Processo

Esta categoria tem por finalidade mostrar como cada genitor está vendo o outro neste processo de ser mãe/pai pela primeira vez.

#### Visão do pai

Houve concordância entre os entrevistados, os pais afirmam que suas esposas estão sendo ótimas como mães. As falas abaixo ilustram suas percepções:

Uma mãezona, um exemplo de mãe, muito prestativa em tudo. (César, casal 1, entrevista pessoal, abril de 2016)

Ótima. (Júlio, casal 2, entrevista pessoal, abril de 2016)

Marcos descreve a esposa, como sendo uma mãe carinhosa:

Ela é bem carinhosa, e aos pouquinhos como eu, ela tá aprendendo também, porque é primeiro filho, nós não temos aquela prática, ela tá se saindo muito bem. (Marcos, casal 3, entrevista pessoal, abril de 2016)

Renato está vendo a esposa como uma mãe dedicada:

Ahh... ela é muito dedicada. (Renato, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Para Roberto além de sua esposa estar sendo uma “mãezona” ele diz que a filha e sua mulher são apaixonadas e que as vezes sente medo deste amor, como vemos nas falas a seguir:

Ah eu acho que ela é super bem mãe assim, é mãezona, e a Luiza ama ela assim, coisa de louco, dá até medo sabe? (Roberto, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Esta concordância entre os entrevistados parece refletir o quanto estes casais estavam preparados para a parentalidade, pois a vinda de um filho marca um novo ciclo na vida do casal, já que este bebê vai necessitar de cuidados, e deve haver apoio entre os cônjuges, sabendo dividir as funções. De acordo com a teoria sistêmica, ajustes são necessários para

a criação de um espaço para a entrada desse novo membro na família (Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1990). Parece que a opção pela gestação após os 35 anos deu espaço para o amadurecimento da escolha e, em consequência, maior tranquilidade para enfrentar o processo.

#### Visão da mãe

Nesta subcategoria também houve concordância por parte de todas mães. Elas estão vendo de forma muito positiva seus maridos como pais pela primeira vez.

Na visão de Maria e Paula, além delas estarem vendo seus maridos como bons pais, justificam que os mesmos dividem as tarefas com elas, como é enunciado nas falas a seguir:

Fantástico, ele tá me ajudando bastante, ele troca, ele dá de mamar, ajuda quando eu estou cansada. (Paula, casal 1, entrevista pessoal, abril de 2016)

Ele está sendo um pai bem presente assim, então até faço questão de deixar assim, de noite quando ele chega ou nos fins de semanas mais, porque pra sabe dar espaço que ele participe como pai. (Maria, casal 2, entrevista pessoal, abril de 2016)

Leticia também está vendo seu marido como um bom pai, que apesar dele não ter crianças na família, Leticia relata que ele está se saindo bem, como podemos notar na fala abaixo:

Ele é um bom pai, ele não teve crianças na família, ele não teve contato, então assim, ele não sabia nem pegar uma criança no colo, e isso com Rafa ele ta aprendendo, ele ta cada dia melhorando. (Leticia, casal 3, entrevista pessoal, abril de 2016)

Ao contrário, Júlia relata que já sabia que ele ia ser um bom pai por ter crianças na família:

Ah, eu, muito bom né, eu já sabia que ele ia ser um bom pai porque eu já via ele antes né com os guris, os sobrinhos, eu acho ele muito bom pai, só as vezes preocupado em excesso. (Júlia, casal 5, entrevista pessoal, abril de 2016)

Célia vê seu marido também como um pai dedicado, que chega do trabalho, mesmo cansado brinca com a filha, como notamos nas falas a seguir:

Muito querido, muito dedicado, ele se joga no chão pra brincar com ela, não importa se ele chega cansado, eu acho que ta sendo uma experiência rica pra ele, porque parece que ele ta curtindo muito. (Célia, casal 4, entrevista pessoal, abril de 2016)

Todas mães relatam que seus parceiros estão sendo presentes, ajudando nos cuidados com

o (a) filho (a) e também nas tarefas domésticas. Ross Parker (1996) declara que o processo de engajamento dos pais no primeiro ano de vida do bebê, em relação as perspectivas da mãe, não define se haverá menor ou maior envolvimento do pai no processo, mas pode influenciar no nível de estresse e satisfação conjugal, destacado como de grande influência. Esses resultados contradizem o estudo de Maria Dessen e Maria Oliveira (2013) que apontaram que os pais foram percebidos como pouco participativos, mas que as mães se encontravam satisfeitas. Podemos notar nas falas das participantes do presente estudo que os pais são percebidos como muito envolvidos na criação de seus filhos, talvez como reflexo da satisfação conjugal que vivenciam, mas também pode estar indicando modificações no envolvimento dos pais no cuidado com os filhos que já vem sendo identificado em outras pesquisas nacionais e internacionais (Colleti & Scorsolini-Comin, 2015; Genesoni & Tallandini, 2009)

#### Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães. Esta investigação acrescenta uma descrição das experiências dos pais e das mães durante o primeiro ano de vida da criança, o que considera-se ter sido alcançado.

Os resultados mostraram que a experiência da parentalidade tanto para os pais como para mães está sendo única, pois foi algo planejado em conjunto o que se expressou em apoio e suporte coparental. Identifica-se que o desejo pela parentalidade ficou mais evidente nas esposas, porém os cônjuges participaram desta decisão, assim, por mais que dificuldades vinculadas à idade e cansaço apareçam em algum momento, os casais estão conseguindo adaptar-se ao novo momento de vida.

No que tange a como cada genitor percebe o outro no processo, ambos estão vendo seus parceiros como dedicados e participativos. O que mais chama a atenção, diferente de outros estudos, é que os pais estão se vendo mais participativos e afetivos, dado confirmado pelas esposas. Vale ressaltar que essa característica não diminuiu todas as dificuldades, especialmente no que envolve questões

emocionais, físicas e até as questões de organização da casa.

Como limitações, chama atenção o caráter eminentemente positivo das experiências relatadas pelos participantes em um momento sabidamente desafiador aos casais. Talvez o tema parentalidade ainda enseje respostas de desejabilidade social dos participantes, vinculados expectativas em relação à maternidade/paternidade. De qualquer maneira, ressalta-se a importância do conhecimento e a compreensão das condições intervenientes neste processo, o qual é de suma relevância para as famílias e que vem acompanhando as transformações sociais e por isso necessita de um olhar permanente dos investigadores da área. Nesse sentido, futuros estudos que investiguem essa temática de forma longitudinal, acompanhando o processo de crescimento dos filhos e o desenvolvimento da parentalidade, poderão auxiliar em maior precisão na compreensão do fenômeno.

## Referências

- Balancho, Leonor Segurado Falé (2004). Ser pai: Transformações interoperacionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), 377-386. <https://doi.org/10.14417/ap.198>
- Bárcia, Sônia & Veríssimo, Manuela. (2010). A importância da massagem do bebê para as atitudes face à maternidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(2), 271-281. Retrieved from <https://goo.gl/Vv7bfb>
- Bauer, Gerrit & Kneip, Thorsten. (2012). Fertility from a couple perspective: a test of competing decision rules on proceptive behaviour. *European Sociological Review Advance*, 12. <https://doi.org/10.1093/esr/jcr095>
- Bernardi, Denise; Féres-Carneiro, Terezinha & Magalhães, Andrea Seixas (2018). Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos Clínicos*, 11(2), 161-173. <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.112.02>
- Bossardi, Carina Nunes (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bradt, Jack Oldaham (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In Betty Carter, & Monica McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 206-221). Porto Alegre: Artmed.
- Biffi, Mariana, & Granato, Tania Mara Marques. (2017). Projeto de ter filhos: uma revisão da literatura científica nacional e internacional. *Temas em Psicologia*, 25(1), 207-220. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-14Pt>
- Callegaro Borsa, Juliana & Tiellet Nunes, Maria Lúcia. (2017). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64). Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19835>
- Carter, Betty & McGoldrick, Monica. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, Julia, & Caetano, Ana. Beatriz. (2011). Ser pai e mãe depois dos 30 anos: Motivações parentais. In *ESEP - Saúde e qualidade de vida: uma meta a atingir*. Porto: UNIESEP.
- Cassidy, Tony & Sintrovani, Penelopi (2008). Motives for parenthood, psychosocial factors and health in women undergoing IVF. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26, 4-17. <https://doi.org/10.1080/02646830701691392>
- Castelo Branco, Derivânia Viera; Moreira, Andrea Carvalho Araujo; Siqueira, Danielle D'Avila; Vasconcelos, Lourdes Claudênia Aguiar & Fontanele, Fernanda Maria Carvalho (2016). Primiparous mothers' perception about the late maternity. *Journal of Nursing UFPE on line*, 10(6), 2059-2065. <https://doi.org/10.5205/01012007>
- Cecílio, Mariana Silva & Scorsolini-Comin, Fábio (2016). Adoptive and Biological Parenthoods and Their Impact on Marital Dynamics. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 171-182. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003832015>
- Cia, Fabiana & Barham, Elisabeth Joan (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000100009>
- Colleti, Mayara, & Scorsolini-Comin, Fábio (2015). Pais de primeira viagem: a experiência da paternidade na meia-idade. *Psico*, 46(3), 374-385. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.19335>
- Conselho Nacional De Saúde [CNS]. *Resolução CNS 466/2012, de 12 dez. 2012*: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, Brasil.
- Dessen, Maria Auxiliadora & Oliveira, Maria Ribeiro de (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai “real” e “ideal” na perspectiva materna. *Psicologia: reflexão e crítica*,

- 26(1), 184-192. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100020>
- Fagan, Jay (1997). Patterns of mother and father involvement in day care. *Child & Youth Care Forum*, 26(2), 113-126. <https://doi.org/10.1007/BF02589360>
- Ferrari, Andrea Gabriela; Piccinini, Cesar Augusto & Lopes, Rita de Cássia (2007). O bebê imaginado na gestação: Aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305-313. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200011>
- Franco, Maria Laura Puglise Barbosa (2005). *Análise de conteúdo*. 2a. ed. Brasília: Liber Livro Editora.
- Genesoni, Lucia & Tallandini, Maria Ana (2009). Men's psychological transition to fatherhood: analysis of the literature, 1989-2008. *Birth*, 36(4), 305-317. <https://doi.org/10.1111/j.1523-536X.2009.00358.x>
- Goulart Júnior, Edward, Feijó; Marianne Ramos; Cunha, Erica Vidal da; Corrêa, Bruna Janerini & Gouveia, Paula Alessandra do Espírito Santo (2013). Exigências familiares e do trabalho: Um equilíbrio necessário para a saúde de trabalhadores e organizações. *Pensando Famílias*, 17(1), 110-122. Retrieved from <https://goo.gl/spVpF1>
- Guedes, Maryse; Carvalho, Paula Saraiva; Pires, Raquel & Canavarro, Maria Cristina (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 4(29), 535-551. <https://doi.org/10.14417/ap.102>
- Guedes, Maryse; Pereira, Marco; Pires, Raquel; Carvalho, Paula Saraiva & Canavarro, Maria Cristina (2013). Childbearing motivations scale: Construction of a new measure and its preliminary psychometric properties. *Journal of Child and Family Studies*, 24(1), 180-194. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9824-0>
- Hener, Timo (2010). Do couples bargain over fertility? Evidence based on child preference data. *Ifo Working Paper*, (92). Retrieved from <https://goo.gl/OyKUqe>
- Hudson, Daiane Brage; Elek, Susan M., & Fleck, Margareth Ofe (2003). Effects of the new parents network on first-time fathers' parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 217-229. <https://doi.org/10.1080/01460860390246687>
- Hutteman, Roos; Bleidorn, Wiebe; Penke, Lars; Denissen, Jaap J. A. (2013). It takes two: a longitudinal dyadic study on predictors of fertility outcomes. *Journal of Personality*, 81(5), 487-498. <https://doi.org/10.1111/jopy.12006>
- Johnston, Deidre, D & Swanson, Debra H. (2006). Constructing the 'good mother': The experience of mothering ideologies by work status. *Sex Roles*, 54(7-8), 509-519. <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9021-3>
- Langdridge, Darren; Sheeran, Pascal, J. & Connolly, K. (2005). Understanding the reasons for parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(2), 121-133. <https://doi.org/10.1080/02646830500129438>
- Matias, Marisa; Silva, Andreia & Fontaine, Anne Marie (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: Efeitos de gênero e estatuto parental. *Exedra*, 5, 57-76. Retrieved from <https://goo.gl/Xl0jtb>
- Miller, Warren B. (1995). Childbearing motivation and its measurement. *Journal of Biosocial Science*, 27(4), 473-485. <https://doi.org/10.1017/S0021932000023087>
- Minayo, Maria Cecília de Souza (1994). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (3a. ed.). São Paulo: Hucitec.
- Minuchin, Salvador (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, Clara Medeiros Veiga Ramires & Medeiros, Marcos Pippi (2015). O Desejo de Ter Filhos na Mulher Contemporânea. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 14(1), 65-69. <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2013v14n1p%25p>
- Monteiro, Lígia; Verissimo, Manuela; Santos, Antônio J. & Vaughn, Brian E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409. Retrieved from <https://goo.gl/EUX7By>
- Monteiro, Rosa (2005). *O que dizem as mães: Mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra: Quarteto.
- Nascimento, Fátima R.M. do & Têrziş, Antônios (2010). Adiamento do projeto parental: Um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 103-124. Retrieved from <https://goo.gl/n9ppTJ>
- Núcleo de Infância e Família [NUDIF] (1999a). *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade*. Unpublished Instrument. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família [NUDIF] (1999b). *Entrevista sobre a Experiência da Paternidade*. Unpublished Instrument. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Nunes, Sandra Adriana Neves, & Vieira, Mauro Luis (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos no estudo do comportamento paterno. *Psicologia Argumento*, 27(57), 103-115. Retrieved from <https://goo.gl/c9nLRI>
- Pancer, Mark S., Pratt, Michael; Hunsberger, Bruce & Gallant, Margo (2000). Thinking ahead: Complexity of expectations and the transition to parenthood. *Journal of Personality*, 68(2), 253-280. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.00097>
- Parker, Ross (1996). *Fatherhood*. London: Harvard University Press.
- Piccinini, Cesar Augusto; Silva, Milena da Rosa; Gonçalves, Tonantzin Ribeiro; Lopes, Rita Sobreira & Tudge, Jonathan (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300003>
- Pinquart, Martin; Stotzka, Carolin & Silbereisen, Rainer K. (2010). Ambivalence In decisions about childbearing. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 28(2), 212-220. <https://doi.org/10.1080/02646830903295034>
- Premberg, Asa; Hellstrom, Anna Lena & Berg, Marie (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56-63. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2007.00584.x>
- Scavone, Lucila (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47-60. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>
- Schupp, Tania Regina (2006). *Gravidez após os 40 anos de idade: análise dos fatores prognósticos para resultados maternos e perinatais diversos*. São Paulo: USP.
- Severiano, Maria de Fátima Viera (2013). A juventude em tempos acelerados: Reflexões sobre consumo, indústria cultural e tecnologias informacionais. *Política e Trabalho*, 38, 271-286. Retrieved from <https://goo.gl/T8A6g1>
- Simas, Flávia Baroni; Souza, Laura Villela & Scorsolini-Comin, Fábio (2013). Significados da gravidez e da maternidade: discursos de primíparas e multiparas. *Psicologia: teoria e prática*, 15(1), 19-34, 2013. Retrieved from <https://goo.gl/krR9HE>
- Stake, Robert (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Staudt, Ana Cristina Pontello & Wagner, Adriana (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. Retrieved from <https://goo.gl/UPRjvi>
- Testa, Maria Rita; Cavalli, Laura & Rosina, Alessandro (2014). The effect of couple Disagreement about child - timing intentions: a parity - specific approach. *Population and Development Review*, 40(1), 31-53. <https://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2014.00649.x>
- Waldron-Hennessey, Rebecca & Sabatelli, Ronald (1997). The parental comparison level index: a measure for assessing parental rewards and costs relative to expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 824-833. Retrieved from <https://goo.gl/aku9MK>
- Wall, Glenda & Arnold, Stephanie (2007). How involved is involved fathering? An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21(4), 508-527. <https://doi.org/10.1177/0891243207304973>



DAIANA QUADROS FIDELIS

Psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

DENISE FALCKE

Doutora em Psicologia. Professora do Curso e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

CLARISSE PEREIRA MOSMANN

Doutora em Psicologia. Professora do Curso e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

[fidelisdaiana@gmail.com](mailto:fidelisdaiana@gmail.com); [dfalcke@unisinis.br](mailto:dfalcke@unisinis.br); [clarissepm@unisinis.br](mailto:clarissepm@unisinis.br)

FORMATO DE CITACIÓN

Fidelis, Daiana Quadros; Falcke, Denise & Mosmann, Clarisse Pereira (2018). A Experiência da Parentalidade Tardia: Percepções de Pais e Mães. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 255-269.  
<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1468>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 10/07/2018  
1ª Revisión: 11/09/2018  
Aceptado: 10/10/2018